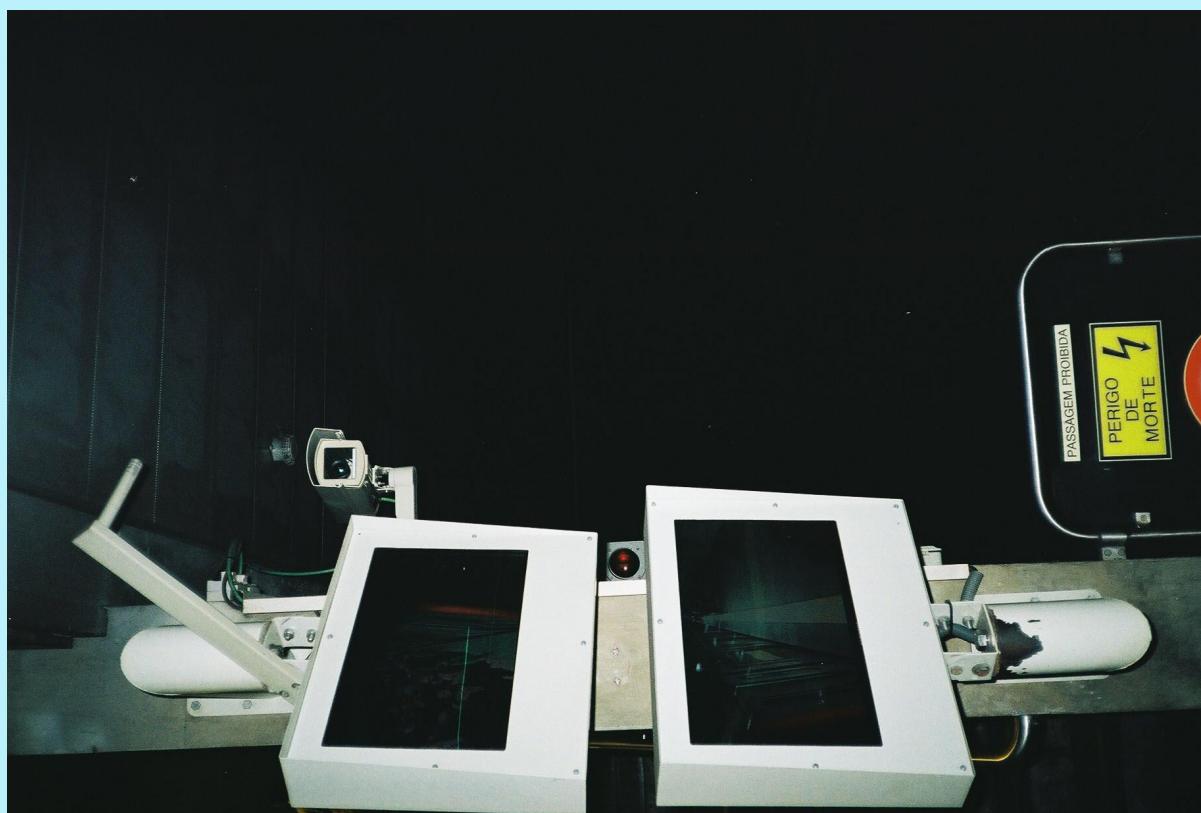


LISBOA

OUT '19

CAPICUA73



v1

Carta do Editor

Capicua73 é muito + do que uma simples revista. Aos leitores pede-se que não se prendam ao que está escrito: viajem, apreciem e desfrutem o momento como se fosse um só.

Jefferson A. Fernandes

Editor: Jefferson A. Fernandes

Fotógrafo: Jefferson A. Fernandes (*pags. 8 e 9*)

Miguel Baptista (*pags. 18-20*)

Rafael de Oliveira (*pags. 29-32*)

Marta Veiga (*pags. 40 e 41*)

Carolina (*pags. 53*)

Design: Marta Veiga

Textos: Alexandra de Toledo (*pags. 5-7, 10-13*)

Francisco Fernandes (*pags. 14-17, 21-26*)

Jefferson A. Fernandes (*pags. 27 e 28*)

Omar Prata (*pags. 33-37*)

André Neves (*pags. 38 e 39*)

Duarte Sales (*pags. 42-62*)

Alexandra de Toledo

Minha doce geração

Minha geração está cota dos braços.
‘Como enxugar as lágrimas do acaso?
Minha geração perscrutou o nariz,
Sentiu o alento, mas jamais o quis

Então, como cheirar o triste orvalho?
Grinalda d’uma manhã aprendiz
Ond’um escritor arcadista diz:
“Por entre as árvores, o baço ocaso”

Confunde noite e dia, perde o brio,
Dá seu arcabouço gráfico por tido
E entumece o final de sua espécie.

Elucubra através de solilóquios
E, só, ela apruma tamanho imbróglio
Que só resta espaço pr’um riso alegre.

Alexandra nasceu em Lisboa, mas os seus pais são de Recife. Atualmente, ela é estudante de Direito

12 de abril de 2019

Soneto da reconciliação

Antes da tez se azougar à dor,
o tédio beijava nossos olhos,
o rubor das bochechas, insólito,
tornavam o afago rancoroso.

A tristeza, ungida nesses modos
rítmicos do vezo, é furor,
que a potência do tempo causou.
O balanço das palmas de ódio

e os prantos a quebrar nossos pratos,
faz-me beijar a mão em que a chama arde.
Bentifico o rubro sangue amado,

emergem mil e um perdões que, em parte,
caem dos olhos e nos molham,
lavando o que só nos afastam.

14 de maio de 2019

Soneto da pena

Choro o choro do meu irmão do lado.
Choro torto, escorre pelo rosto,
corre e salga esse meu mar salgado.
Olho-a lá longe! (Tão tenebroso)

Rogo este rogo pecaminoso
da mãe morta, do tempo ceifado
do bebê coto. Um olhar imposto
pois meus olhos, lá, ainda são castos.

Mas esse vão feito sem memória
cria espaço para a fantasia,
desnuda visões reais da vida.

Nessa lágrima triste que chora,
nesses escombros, nessa sequela,
é o recanto do encanto dela.

16 de junho de 2019



J.A.F. Lisboa, 2019



J.A.E. Lisboa, 2019

Trabalho descritivo da estação de comboio

Na velha estação de comboios, há um homem que cheira o aroma do córrego plúmbeo cheio de vida motriz. Quando a tarde invadiu o local, e o mundo fluiu com as rodas que encandearam seu rosto e o dos futuros passageiros, seu olhar teve que se deslocar e se esgueirar para qualquer canto que permitisse uma maior sobriedade de luz. No que ele pensa é um mistério tão grande quanto para onde ele vai, pois seu destino nem o maquinista faz ideia de qual seja.

Certamente, o homem se embriaga de desejo com o amargo café que propala a fragrância alentosa naquela estação de trens. Naquele pequeno bar, algumas pessoas bebem em xícaras, outras em chávenas, algumas revistam os mochileiros com olhar de repúdio, outros se perdem nas leituras de seus jornais.

O homem, que não se interessa por essa gente, se senta e toma um pingado e vislumbra as matizes que se formam no topo de seu copo e, durante aqueles poucos minutos, é tudo que o entretém. Ele também é um observador, com seu olhar austero e arguto, esmiúça as partículas emotivas que flutuam por aquelas plataformas. Ele se embebeda com o cheiro meio saboroso, meio nauseante do café; com o cheiro dos viajantes sem rosto que fazem das estradas e das vias seus mantos, esconderijos e amores; e

ele trabalha a empatia no choro das despedidas e aguça a aurora da alegria no olhar reencontrado do estrangeiro e sua família. A conversa do café parecia encantadora aos seus ouvidos, era uma boa peça de mistério que as atendentes se exasperavam para a solucionar, “Quem com ferro ferido se ferra, com ferro se ferirá”, “Não, ‘tá louca? Quem com ferro ferre, ferrado será”, “Não me soa ainda muito bem, e olha que meu sobrinho, outro dia, andou falando isso aí”, “Sei lá, olha moço, você pode nos ajudar?”. Entre as falas de cada uma, ouvia-se longas e altas gargalhadas e, durante o diálogo, as risadas cambaleavam trôpegas, pelas bocas das funcionárias, atrapalhando o próprio devir do enigma.

O sério e telúrico observador fornece a solução para o arcano da expressão idiomática e , quando finda seu empreendimento, que carrega e sopesa por entre seus olhos, dá um longo suspiro, olha para cima como que para desejar qualquer coisa aos céus e termina seu café num só gole sonoro. Antes de sair do estabelecimento, paga o preço da bebida e aproveita para comprar um maço de cigarros mentolados.

Acende um e me oferece.

“Reparei que não desviou o olhar de mim. Algum problema?”

“Desculpe, senhor. Estava apenas escrevendo as cenas da estação. Achei você um sujeito interessante para uma descrição.”

“Você é algum tipo de maluca?”

Ele havia dito isso com uma genuína sinceridade na fala. Não sei, no entanto, se é uma frase muito

efetiva, são poucos os malucos sãos.

“He he. Não, senhor. Eu realmente só escrevo.”

Pensando melhor agora, essa parece uma frase que um louco falaria. Contudo, o homem não pareceu ligar, embora tenha feito suas parcas sobrancelhas se levantarem de tal modo que tocavam a sua testa franzida. Traguei o cigarro mentolado junto do velho homem até o momento que ele se afastou de mim e se dirigiu ao comboio que estava prestes a partir. Ele ia para o Norte. Provavelmente, sua mulher o esperava na futura estação, ou não, ele não tinha cara de casado e não vi nenhum anel na mão esquerda.

“Bom, foi um prazer te conhecer. Boas escritas, e tente não olhar para as pessoas com uma cara tão assustada. É um pouco amedrontador.”

Eu estava soprando para longe a fumaça do cigarro, então, apenas dei um simples aceno de cabeça. Ele não olhou para meu corpo e aquela sua primeira aproximação não foi de sedução, ainda assim, parou e me ofereceu um cigarro. Aquele estranho, sem nome e sem documento, para mim, ofereceu um cigarro. Ele realmente devia estar interessado na personagem de olhos obtusos a espreitar suas acções.

A estação começava a se esvaziar e comecei a reparar nos elementos mais improváveis dela, que, geralmente, eram os que podiam causar uma maior impressão. Havia um morador de rua que passeava pela plataforma, não era um pedinte, nem um mendigo, trazia consigo apenas um casaco azul, umas calças meios rotas e um riso estampado na

cara.

Deixava suas mãos bem atadas pelas suas costas e olhava para o chão, andando de um lado para o outro, de um lado para o outro, mas sempre rindo. Do que aquele homem ria? O que podia ser tão alegre, tão divertido que no meio de uma velha estação de trem, onde há um escasso resquício de ternura nas relações humanas, e em que a atmosfera é de velocidade e frieza, aquele homem de calças rotas encontra seu oásis de júbilo?

Pensei em convidá-lo para um café, contudo as pessoas podiam achar muito estranho e, talvez, nem o deixassem entrar no espaço, também achei que seria uma atitude muito egocêntrica, já que não estava interessada no sujeito e sua condição, mas essencialmente em seu riso e a história daquela alegria. Ele podia estar relembrando sua infância, seu exíguo sucesso na adolescência ou na bebida da semana, e ele sacia essa sede de saudade no riacho de água fresca da memória, em plena nitidez de matizes, de formas, de aromas, que, talvez, o façam lembrar dos antigos e doces ensejos de amores, ou do terno aconchego no colo dos pais. Todo esse redemoinho de emoções no frio lençol de aço da estação.

Independente do que se passa na cabeça do meu amigo, saio da estação, volto para casa e começo esse escrito mentalmente sem muitas ideias para as partes finais, contudo tendo a certeza de que a estação era muito mais cheia e rica na minha cabeça.

18 de julho de 2019

Francisco Fernandes

Django Unchained (2012)

A Tarantino podem atribuir-se muitos defeitos, mas é incontornável o impacto cultural que o realizador teve no panorama cinematográfico norte-americano dos anos 90. A partir daí Tarantino expandiu-se como um problema, por assim dizer, de natureza artística, marcado por pontuais acusações de acessibilidade a violência ou plágio. Django Unchained (2012) foi talvez o apogeu dessa questão, centro ainda de uma breve complicaçāo entre Spike Jonze e o realizador da longa-metragem, a propósito do uso da (constate-se, precisa) palavra “nigger”; O vocábulo existiu indesmentivelmente e o confronto com a memória histórica do seu uso - especialmente por autores caucasianos - implicou, inclusivamente, uma proposta de censura à obra literária de Mark Twain.

A violência não deixa de ser, ainda que estrutura de ação tenebrosa, um interesse cultural e cognitivo do Homem. E o plágio, no que a ele diz respeito, poderia ser abordado de várias formas, mas presencialmente resumido na fórmula de pensamento de Umberto Eco, com as devidas adaptações de contexto: um filme é sempre outro filme.

Francisco, 20 anos, chegou a Lisboa para estudar Direito, curso que (pouco) frequentou durante um ano. Atualmente estuda Ciências da Comunicação na NOVA FCSH, com pena de já não poder usar expressões do latim com tanta frequência

Django é uma homenagem, e isso é importante notar. O filme homónimo de 1966, um relevante trabalho do género dos westerns, foi alvo de algo com que Tarantino usualmente trabalha: uma referência respeitosa, potencialmente promíscua em termos criativos, mas profundamente única por si só. Não é intenção de Tarantino a cópia, mas a homenagem, como já havia feito, por exemplo, com os dois volumes de Kill Bill. Seria, na verdade, tarefa complicada o plágio para um realizador cuja notabilidade se encerra na capacidade livre de ser criativo: e não é de estranhar que, numa não tão preenchida carreira, Tarantino tenha acertado tanto no que é seu no todo e falhado quando parte do que cria é outorgado a outro. Escritor notável, os trabalhos de sua autoria dirigidos por outra mão encerraram-se, fatalmente, no insucesso.

A escrita, contudo, é sua. E Tarantino sabe usá-la. Com ela desenvolve, retrai e cria. Através dela, este é outro Django, ou melhor, o seu Django. O argumento, trabalhado de forma belíssima por nomes como Jamie Foxx, Christoph Waltz, Leonardo DiCaprio, Samuel L. Jackson ou Kerry Washington, é a vida da lente de Tarantino num género reciclado cuja época de ouro já passou. A verdade é que o toque que marcou títulos como Reservoir Dogs, Pulp Fiction ou Inglourious Basterds funciona aqui, e a fórmula de filme de época utilizada no último fez sentido em Django. A longa-metragem, que conta a

história da aliança entre um escravo libertado e um caçador de recompensas para encontrar a mulher do primeiro e exercer a profissão do segundo, combina o usual humor cínico e cáustico de Tarantino, que, como em Inglourious Basterds, cruza fronteiras - repondo os nazis pela Klu Klux Klan - e dá à História um sentido criativo, amiúde vingativo, que cria um mundo próprio.

Não interessa a Tarantino, contudo, o ajuste de contas com o que foi escrito - e por isso o uso tão descomplicado do “nigger”; Esse é trabalho para o seu protagonista, um Django negro, independente, astuto, senhor de si. Jamie Foxx retrata-o brilhantemente numa rendição que só caberia num texto de Tarantino, e apenas daí poderia nascer.

Django, como as outras obras do realizador, é perfeitamente pautado, e isso é virtude tanto do texto como dos intérpretes. Tarantino sabe quando usar o humor e o drama; quando ser western e Pulp Fiction; quando usar as músicas do género ou o hip-hop; e, principalmente, como o fazer sem que essas transações minem a atmosfera ou o sentido da longa-metragem. Django é profundamente marcado por uma força cultural secular e o brilhantismo de usar o hip-hop fora de época, como inscrição de um grupo étnico e da liberdade que ainda não haviam encontrado, mas a quem o filme permite conquistar, ainda que decisão radical e contestável, é feita da mesma matéria criativa que

fez Kill Bill ou Inglourious Basterds genial. Tarantino é bom nisso, em saber o que quer e a brincar com o que pode fazer: no uso gráfico da violência (aqui, curiosamente, mais “cartoonesca” do que antes) ou na rodagem de uma cena inteira com diálogos em alemão para, simultaneamente, criar histórias, desenvolver emoções e gerar suspense.

Evidentemente, Tarantino é sabedor do défice de atenção que pauta a audiência do século e do seu país - adversa, sobretudo, às línguas estrangeiras no grande ecrã -, mas ainda assim a cena em questão é indispensável, fundamental. Sabe também que a violência é, mais que uma ferramenta dramatúrgica, um problema, e ainda assim não a recusa.

A questão reside aqui: é muito menos violento ver um homem explodir em sangue num tiroteio, porque a anatomia não funciona assim e a violência ganha um tom caricato, do que ver um escravo ser rasgado por um cão furioso à ordem de seu dono.

A primeira, Tarantino usa como dispositivo de humor e catarse; a segunda é censurada pela própria ótica do realizador, consciente do peso da real violência e do que ela significa.

É neste jogo de fronteiras, de difícil empenho, do que é necessário mostrar e dizer, ou ocultar e deixar por dizer, que se faz uma história sensível e com essência: e, sabemos bem, são essas histórias que fazem as narrativas do cinema.

28 de setembro de 2019



M.B. Tailândia, julho de 2018

Miguel Baptista, 21 anos, estudante de Tecnologias de Informação. O despertar do interesse pela fotografia deu-se ao viajar, assim criava-se uma necessidade de captar momentos. Desde então as viagens e a fotografia têm andado de mãos dadas.



M.B. Laos, julho de 2018



M.B. Tailândia, julho de 2018

Her (2013)

(este texto contém spoilers)

Para lá da neblina das cidades, aquela que se põe entre os edifícios já encinzeirados e invade as janelas semiabertas dos apartamentos em blocos, acontece a vida. Esse decorrer mais ou menos distraído, lutável mas infalível, foi já alvo de retrato no grande ecrã por várias vezes, em vários moldes e por várias lentes. *Her*, ou *Uma História de Amor*, em português, é o contributo de mais uma ótica para o fenómeno da vida, do inevitável e evidente decurso da experiência humana no largo da sociedade.

A simplicidade e a aparente objetividade do decorrer da vida nas metrópoles, a visão de quem observa cá de cima, é, no entanto, insuficiente e pouco diz sobre a complexidade do funcionamento individual de cada integrante do tecido humano que as compõem: e por isso a *Her* interessa as relações individuais, embora a longa-metragem se esforce tanto para a inserir num plano maior, numa atmosfera que destaque essa individualidade. Uma individualidade que, para lá da neblina, se torna inevitavelmente solitária.

A imagem, portanto, é simples: um homem,

escritor de cartas de amor por profissão, caminha só, de uma relação falhada, por ruas cheias de gente, para um apartamento só. Joaquin Phoenix retrata Theodore Twombly numa rendição notável, alicerçando a perspetiva que o realizador, Spike Jonze, tem do futuro social – Her pinta o retrato de um futuro tecnológico, marcado pelo advento da inteligência artificial, em que Theodore adquire um sistema operacional altamente desenvolvido, criado para simular companhia humana no ouvido da pessoa.

Esta não é uma possibilidade tão distante da nossa própria realidade, mas ainda alheia ao que conseguimos de facto produzir. Ainda assim, a longa-metragem é especialmente boa em retirar a estranheza das circunstâncias e torná-las, na percepção de quem observa, normais. E isso porque a principal preocupação de Her não é contar a história de um homem no mundo, mas de falar do mundo a partir da história de um homem.

No plano do visual e do invisual, o filme é extraordinário no traçar da realidade, ainda que a sua realidade, a de um futuro com características retro, seja muito própria. Jonze pinta a substância da sua longa-metragem: abundam edifícios cinzas e gigantes outdoors digitais, a metrópole é pardacenta e enevoada, mas as pessoas são vivas. As cores

fortes, como o vermelho, o amarelo ou o rosa, são pequenos pontos de vida individual dentro de um mundo tecnológico que perdeu o contacto com a humanidade; ou de uma humanidade que, por acesso a esse mundo tecnológico, perdeu contacto consigo.

O sistema operativo que Theodore adquire, e que atribui a si o nome Samantha (Scarlett Johansson), desenvolve com o primeiro uma relação muito natural, mas que serve, fundamentalmente, para perspetivar a faléncia das relações humanas no mundo de Her. A ligação, por mérito da escrita, mas também das atuações dos dois principais atores, é fácil e parece absolutamente normal – mas subjaz, em vários momentos mais ou menos evidentes, a estranheza inerente a uma relação tão profunda entre propriedades tão diferentes.

A ótica ilusionista de Jonze, que o próprio denuncia em vários momentos da história da relação entre Theodore e Samantha, funciona numa lógica de necessidades para a própria trama: há a necessidade de se contar uma história de amor, tal como há de se contar uma de tristeza, como de falar sobre o que realmente Her é. E Her é, ainda que um bonito conto de amor, uma história sobre o que a tecnologia dá e tira. É para isso que a personagem de Amy Adams existe, uma amiga de Theodore que, ao contrário

do primeiro, luta para manter as suas relações com homens verdadeiros vivas, mas que, na iminência de sucumbir perante o que a realidade oferece, tal como o protagonista, parece perder-se. Porque Theodore, graças à naturalidade de Samantha, deixa de entender que aquela voz no canto do seu ouvido é um produto comercial, cuja relação emocional é vazia e desprovida, cuja essência inenarrável e indescritível que marca a própria humanidade não existe.

Numa notável cena de *The End of The Tour* (2015), longa-metragem sobre o escritor norte-americano David Foster Wallace, há um apontamento curioso sobre a visão do autor acerca da pornografia: “Enquanto a Internet crescer nos próximos dez, quinze anos, e a realidade virtual na pornografia se tornar uma realidade, vamos ter de desenvolver algum tipo de maquinaria dentro de nós para nos ajudar a desligar um prazer puro e perfeito. Porque a tecnologia só vai melhorar e melhorar. E vai ficar cada vez mais fácil e conveniente e prazeroso sentarmo-nos sozinhos. Com imagens num ecrã, que nos são dadas por pessoas que não nos amam, mas que querem o nosso dinheiro. O que não tem problema, em pequenas doses. Mas se é o principal ingrediente da tua dieta, vais morrer”.

Her não deixa, porém, de ser um romance. E a

tradução portuguesa do título do filme, embora mais explícita, não deixa de captar um parágrafo fundamental da longa-metragem: esta é uma história de amor.

A lindíssima música de Karen O, *The Moon Song*, marca o tom romântico da longa-metragem, que se esforça para contar essa história. Como dito antes, Jonze sabe que há várias perspetivas com que Her precisa de dialogar, mas a maioria subjaz ao romance de Theodore e Samantha, por mais incômodo que possa eventualmente ser. Talvez seja essa a tragédia de Theodore: ter consciência da sua condição e da condição da sua tecnologia, e, no entanto, sentir paixão.

Ainda assim, *Her* é um dos mais belos projetos cinematográficos sobre amor dos últimos anos. E o filme só podia acabar onde acabou. Depois de todos os sistemas serem apagados, a desolação de milhões de compradores leva-os a abandonar a ilusão virtual e voltar ao mundo real, pelo menos temporariamente.

Se o mundo real é a individualidade perdida e distraída de Theodore, um homem só entre milhares que caminham nas ruas cinzentas da cidade, *Her* não esclarece e não lhe cabe esclarecer. A experiência humana que traça é uma de hoje e a longa-metragem não dá respostas, mas incomoda.

Num mundo de tecnologia, Her pinta a cor daquilo que é natural: e os cenários da praia ou da floresta carregam uma leveza diferente da da cidade.

O vermelho é tão preponderante em Theodore como em Samantha, mas Her questiona-nos sobre a naturalidade de ambos.

Naquele mundo de individualidade, a tecnologia é substituta, é luz, é energia, é resposta: mas falta algo. Falta algo. E a última imagem que temos é a de Theodore, com a sua amiga, de quem se afastou para ter a companhia delusória de Samantha, no terraço de um alto edifício, a olhar para o céu rasgado pelas nuvens de fim de dia. Num mundo de wireless, computadores e smartphones, embora se possa encontrar conforto e alternativas na tecnologia ao que somos e ao de que fatalmente precisamos, Her mostra a insuficiência dessa resposta — o céu é natural e nosso, não é virtual. A nuvem de rede está cá em baixo.

8 de setembro de 2019

Não se sabe bem o porquê das coisas.

Do pouco que se sabe ninguém se lembra, ou, possivelmente, ninguém quer saber.

É preferível que se saiba – mesmo que não se queira saber - do que não saber e procurar o conhecimento. Provavelmente, ignorar será muito difícil, no entanto, mais prazeroso. O não saber e estar a ouvir quem sabe incomoda ainda mais. É como se criassem, instantaneamente, uma outra dimensão.

A questão é a seguinte: haveremos de viver para o desconhecido ou deambular para o que já fora explorado. Se para o desconhecido caminhamos, todos os nossos passos serão mais precisos, pois o medo é grande e a incerteza acanha-nos a alma. Quanto ao conhecido, cingimo-nos ao que fora dito ou feito e desleixamo-nos. Os nossos corpos apenas seguem o que fora traçado.

O mundo é de tamanho certo. Já a nossa vontade é do tamanho que quisermos. É do tamanho que quiser. E basta.

Jefferson, 21 anos, estudante de Direito na Universidade Nova de Lisboa. Cascais.

30 de setembro de 2019

A lógica por detrás das pessoas que se sentam no banco que se encontra junto ao corredor do comboio é-me desconhecida. O querer estar sentado junto ao corredor é um gosto que menosprezo. A mim, apraz-me o “sentar-se à janela”, o poder ignorar quem está ao meu lado. Se me sento no assento que se encontra junto ao corredor, só me resta olhar para baixo. O olhar para qualquer um dos lados gera muito contacto, o olhar para cima assemelha-se à posição dos filósofos. Já se a janela estiver ao meu lado fito tudo e todos.

30 de setembro de 2019



R.O. Costa da Caparica, 15 de julho 2019



R.O. Oeiras, 2 de janeiro de 2019

Rafael de Oliveira, 21 anos, estudante de Cinema e Televisão na ETIC com um gosto por documentar.



R.O. Londres, 21 de abril de 2019



R.O. Fundação Gulbenkian, 7 de fevereiro de 2019

Rude Despertar

Dissera um Deus a um jovem que o julgamento começara quando nascera – o crime: desconhecido. Vira ao mundo sem pedir - deparou-se com a hostilidade dos homens. Não se sentira um homem como outros, e tal não o era nos olhos dos outros.

Não se preparara para que o mundo caísse sobre os seus fracos ombros. A primeira experiência fora o contacto com a escola, a agonizante sombra pousara sobre si, persegui-lo-ia para onde quer que tentasse escapulir. Então pensara que era da roupa, tentou vestir-se tal qual como os miúdos da sua turma.

Passara sempre despercebido no meio da multidão. Além da invisibilidade a carne fizera-o confundir-se com um espírito, um fantasma. Então anulava-se para que se integrasse - poucos ou ninguém o notava -, mas afinal a cegueira não permitira a acuidade visual.

Mudara a fala para que se assemelhasse aos locais, tudo isto segundo os livros que precocemente lera. Viera de proveniências não-celestiais, embora soubesse que não era demónio, o apontar de dedos,

Omar, 24 anos, residente de Santo António dos Cavaleiros, Loures. Tem a licenciatura em Comunicação Social e Cultura na UCP-FCH e é pós-graduado em Jornalismo Televisivo e Multiplataforma na UAL.

as caras e os medos dos colegas eram pinturas rupestres gravadas na mente. E o triste era saber que a cegueira era induzida pelo veneno invisível das palavras.

Na terra estivera com os pés ausentes, embora não pudesse mais estar com eles assentes sob a negação. E o que lhe era exigido era que fosse um reproduutor de filosofias condizentes com maneirismos que caracterizassem a sua espécie, enjaulado na mesma manjedoura que o rejeitara, percepção-se como o inimigo e o amargo malfeitor.

No entanto, todas as narrativas que lhe eram imputadas eram combatidas, eram rejeitadas, eram vencidas, porque ele não cabia na roda em que metiam os ratos de laboratório; e os tubos de ensaio não tinham efeito para canalizar as intenções de monitorização e controlo.

Tudo isto frustrara os homens, os sábios, os detentores da sabedoria e do conhecimento, criadores da divina e suma inteligência, como pudera ele não ser o que eles programaram?

Presume-se que seja mistério, outros presumem que fosse o renascer, o reencontro com o destino para o qual tinha sido talhado. Apercebera-se que tinha faculdades que o separaram desde cedo e a adolescência culminara na expansão da sua identidade.

No corpo o vulcão entra em erupção, o sangue bombeia e a viciosa propagação dos conceitos

inúteis não chegam para o conotar, o aprisionar, nem para o impedir do rude despertar.

Toda a confusão dentro de si, estilhaços causados por memórias anteriores. As intenções de morte, as vozes interiores, o nascimento dos impulsos que o atraíram ao oposto, saíram tal qual por onde entraram.

Nilo não era o que eles queriam que fosse, a representação da luz. Ele não era o anjo nem a representação de puro, ele não era o mal, enfim soubera que não era um criminoso, ainda que continuasse a pagar pelo crime de ser o que era, vira o julgamento no fim, porque era Negro e aceitara-se como tal.

12 de setembro de 2019

Quando a depressão bate à porta

Depressa, ela vem aí.
Não precisas de correr, já aí está.
Por mais que corras,
Parece que não dá.

Aquela cobra que se enrola ao teu pescoço,
Que não te larga da mão,
Agora acordas, sentes o peso no peito.
Queres voltar a dormir, mas não tem jeito.

Lá adormeces.
O suor escorre por todo lado.
As torneiras da alma estão abertas e
A ansiedade veio no atrelado.

Pensamos que não somos capazes de a suportar.
As lágrimas ao redor são como dardos venenosos.
Os momentos a sós parecem punhais a perfurar nos ossos.
Da janela o passado age sob forma de desconsolo presente.

O sufoco é voltar ao antecedente,
Sentir na alma aguilhões penetrantes
Cortando toda a espécie de esperança
Que houvesse no dantes.

A pressão do sol ofusca os sentidos.
A pressão dos exames entontece os ouvidos.
A pressão dos amigos que querem que saias.
Não vás, fica mais um pouco, o escuro é relaxante.

Tendencialmente, parece que todos se descolam
Enquanto colas na mesmice, na rotina que é bem-vinda.
Queres fugir, queres que te deixem em paz, a paz é a neblina.
Voltemos ao quartinho, seja no físico, seja no interior,
Oh que rica a dor!

Atropelo de pensamentos suicidas.
Cruzamentos de desespero sem crime.
Se entras pela porta errada, fim de tudo.
Se entras pela porta certa, forças o início da jornada.

Eles não querem sair, as facas tão por perto.
As pontes pintam um cenário de saltos perpétuos.
Os demónios são inquilinos que não pagam a renda.
O barulho dentro de ti é ensurdecedor, ninguém ouve o socorro.

Os comprimidos na mesa
A banheira com água quente a descair pelo cano.
Mais de uma dose é o que chega para que ela se vá de vez.
Acordas novamente, vives até que ouves bater a porta.

12 de setembro de 2019

A vida é mais fácil mas nós vivemos menos

A vida é mais fácil mas nós vivemos menos.

As cartas foram e os telemóveis vieram.
(Uma mudança útil - mas pouco bela)

Os retratos foram (os reais)
E vieram os filtros (que nem revelados são),
(Afinal, para quê revelar a mentira metida
gargantas abaixo pela metafísica do século?)

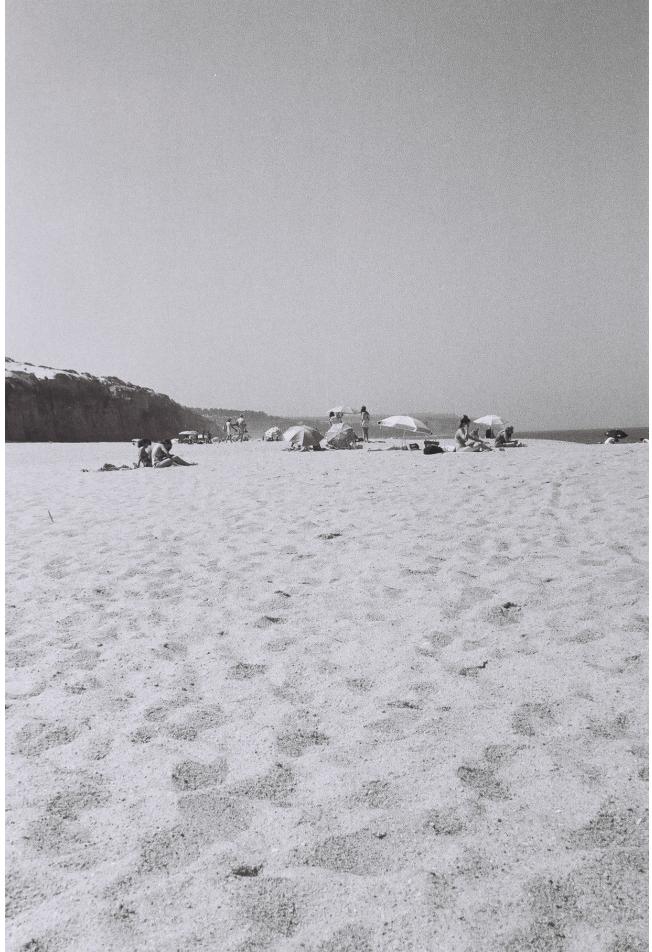
Apesar de troçarem da língua portuguesa,
De nos mostrarem mentiras
(que não chegam a ser reveladas),
E até de nos vendarem a vista
(sem que nos tapem os olhos)
São desejáveis.

André, 19 anos, estudante
de Direito durante o dia e
criador de poemas à noite.

Que os sorrisos sejam vistos através dos lábios
E as lágrimas através dos olhos,
Que as palavras saiam das bocas
E as paisagens sejam mais respiradas que fotografadas,
Mantenhamos no bolso estas máquinas vis
(mas úteis até para escrever poemas).

Que os ecrãs não nos impeçam de sentir o mundo.

14 de setembro de 2019



M.V. Meco, 2019

Marta Veiga, 22 anos, está a acabar o mestrado em Medicina Veterinária e a licenciatura em Desenho em Belas Artes, ambas na Universidade de Lisboa. Tem além disso interesse em Design e Cerâmica.



M.V. Lisboa e Veneza, 2018

BEST BOY BAND SINCE_

Penso que me recordo exatamente onde é que estava quando comecei a ouvir BROCKHAMPTON. Ou melhor, em princípio sei onde estava. Em frente ao computador, secretaria onde muito escrevi, pesquisei, sorri e chorei. O Reddit e outros cantos da Internet não se calavam com esta banda. Verão de 2017, inícios. A minha vida estava uma indefinição, aquele parêntesis vazio resultante da vida ser feita de reticências. Esperava-me o mestrado, tinha acabado de me licenciar. Estava orgulhoso de mim, mas sentia-me indefinido. Como um parêntesis vazio que pode conter dentro de si o infinito, sentia-me indefinido.

SATURATION I. HEAT. Primeira faixa de uma trilogia que ainda não tinha definição para mim. Não gostei. Nem passava da primeira faixa. Não percebia porque é que o Reddit não se calava. Aquilo era caótico, distorcido, sem qualquer sentido musical. A capa era interessante. Os vídeos eram interessantes. Mas não gostei. Anthony Fantano, um famoso crítico online de música, tinha dado 9 a

Duarte, 23 anos, é licenciado em Finanças, mestre em Gestão de Sistemas de Informação. Mora no Barreiro e é apaixonado por Letras, músicas e jardins.

este álbum. Não era a primeira vez que discordava, apesar de estranhar.

Avança dois meses. BROCKHAMPTON volta a aparecer à baila. Mais um álbum?! Ahh, “saturação”, agora já percebi. Bem, não devo gostar. No entanto, estava indefinido. E algo naquele parêntesis vazio disse-me “vai ouvir”.

SATURATION II. GUMMY. Primeira faixa do segundo álbum de uma trilogia cuja definição se abriu para mim. Nem tinha ligado aos singles, nem aos vídeos, nem compreendia o modus operandi deste grupo obviamente excessivo e saturado. Era a primeira experiência pela segunda vez. Entram os violinos orquestrais, ondas que te embalam como um pêndulo, cinco segundos de placidez como a capa pretendia demonstrar, e, de repente, corta.

“These niggas take me for granted.” And I really did.

O parêntesis vazio saturou-se. Entrou BROCKHAMPTON na minha definição, e de lá nunca mais saiu.

“Tell me what you waiting for”

- BROCKHAMPTON (Joba) – FACE

Com apenas 14 anos, Kevin Abstract (de nome verdadeiro Ian Simpson, em que “Kevin” era o nome de um rapaz que ele gostou na escola e “Abstract” era como os amigos descreviam a sua

música) já expressava o seu gosto pela música, pela colaboração e pelo impacto da força artística nas pessoas e suas almas. Tendo frequentado o liceu Woodlands no Texas, Kevin já conhecia o Joba, Ameer, Matt e Merlyn, futuros membros do coletivo. Sempre orientado para fazer música e arte, fosse música psicadélica inspirada em Jimi Hendrix (como inicialmente quis), grunge depressivo onde odeiam os pais e amam as férias de Verão (projeto NOWIFI com Bearface), ou R&B de adolescências confusas e corações partidos (álbum a solo MTV1987 e American Boyfriend), Kevin Abstract publicou num fórum online um anúncio a perguntar quem é que queria formar uma banda. Este fórum era um fórum de fãs de Kanye West, de todos os sítios . E estamos em 2010.

Passam-se alguns anos. Cerca de 30 membros foram recrutados graças àquela publicação. Em 2013, forma-se o coletivo ALIVESINCEFOREVER, com 7 rappers e todo um conjunto de produtores, designers, webmasters e agentes. Destacam-se Romil como produtor e Kevin, Dom e Ameer (bem como outro rapper, Rodney, que saiu do coletivo pouco depois) como MCs. Em 2014, Kevin Abstract lança um projeto a solo, MTV1987, e o coletivo ALIVESINCEFOREVER é separado, restando apenas alguns elementos para dar continuidade ao

sonho de Kevin Abstract: criar a melhor boyband de sempre. Nasce BROCKHAMPTON.

Com Kevin Abstract no leme, os rappers que hoje todos conhecemos e amamos, e um leque de produtores, agentes e designers, BROCKHAMPTON começam sem nada mas ambição de tudo. A persistência de Kevin não se fez esquecer, convencendo várias pessoas a juntarem-se a este projeto, incluindo um Merlyn que estava a tirar um curso de arquitetura na Universidade do Texas obrigado pelos pais; um Joba que trabalhava num estúdio de gravação e aprendeu várias técnicas de mistura e masterização; e um Jabari, produtor, que era auditor num banco, num normal emprego das 9 às 5. Graças ao talento coletivo, lançam vários singles, incluindo Bet I, e ganham notoriedade suficiente para receberem um prémio de um videoclip realizado por uma equipa profissional, para a canção Dirt.

Kevin Abstract não só convenceu certos membros a darem tudo de si para a primeira boyband online, como convenceu todos a realocarem-se para Los Angeles, viverem juntos e cultivarem um espírito de grupo incrível, para mim o segredo do sucesso do coletivo, e ainda por mais espantoso se pensarmos que são 15 boys num só projeto.

Em 2016 lançam o primeiro mixtape, ALL-

AMERICAN TRASH, onde o foco é dar ênfase a cada talento individual e não tanto ao esforço grupal. “All-American” porque frequentemente BROCKHAMPTON gaba-se de ser um projeto com membros de todos os cantos dos EUA, desde Kevin e Joba no Texas até Dom e Romil de Connecticut. A verdade é que são de todo o mundo. Bearface, a voz mais angelical de BROCKHAMPTON, advém de Belfast, Irlanda (e sim, abdicou de tudo para vir sozinho para os EUA lançar-se neste sonho) e Jabari nasceu na Granada, um dos países do arquipélago das Caraíbas. Daqui se depreende a força de vontade necessária para se abdicar de tudo na vida para se focar num sonho onde não se sabe o que pode resultar. É um risco. Mas é uma tentativa de tentar preencher um parêntesis vazio. Que resultou.

O plano era saturar. O plano era inundar todas as soundwaves, todos os bits e bytes, todas as views e streams. O plano era encher as bocas de audiências e críticos com a palavra BROCKHAMPTON. Desse por onde desse, houvesse ou não percalços, o plano era saturar. E estamos em 2017.

Até antes de terem qualquer canção escrita para a trilogia que se avizinhava, HK, o designer principal da boyband, já tinha as capas de álbuns e toda a estética planeada. Os videoclips seriam minimalistas mas caóticos, divertidos, coloridos, gravados em

sítios intimistas ou pessoais, como na casa onde todos os membros viviam ou nas ruas envolventes em Los Angeles.

Tudo clicou, o plano funcionou. Saturaram, e, para a segunda metade de 2017, todos falavam de BROCKHAMPTON. Anunciaram SATURATION I sem ainda terem nenhuma canção feita para o mesmo. De microfone no meio de uma sala, as sessões eram intensas, caóticas, competitivamente colaborativas. Novos beats atrás de novas ideias atrás de novas rimas. Saem videoclipes que apanham de surpresa o Youtube e outros cantos da internet pela sua imensa originalidade, simples e energética simultaneamente.

Estamos em 2017. 9 de Junho. Sai SATURATION I. Videoclips de FACE, HEAT, GOLD e STAR. Sai LAMB, um extra que nem entra no álbum, de tão frutíferas que eram as sessões. A Internet fica agarrada. Algo está aí. Anthony Fantano dá 9 em 10 a este álbum. Eu não percebo. 5 de Julho. Anunciado SATURATION II. A partir de Agosto, mais videoclips. GUMMY. SWAMP. JUNKY. SWEET. Estes dois últimos agarram-me. 25 de Agosto. Sai SATURATION II. Sai FOLLOW, um extra a anunciar a próxima entrada na trilogia, SATURATION III. Nem entra no álbum. Concertos, tours, movimentos. A Internet

não se cala. Algo veio para ficar. Ficou em mim. Verão de 2017 foi-me BROCKHAMPTON. Vem Dezembro. Videoclips de BOOGIE, STAINS e RENTAL. A BOOGIE completamente explode. 15 de Dezembro. Sai SATURATION III. Na boca e teclados de todos, o nome, os rapazes, as letras, os beats, o amor, BROCKHAMPTON. Ficaram em nós.

Pausa. Algo aconteceu em 2018. Os conhecidos já sabem o que foi. (O caso Ameer.)

É demasiado para agora. Este parêntesis tem de continuar a ser preenchido.

**“Why you always rap about bein’ gay?
‘Cause not enough niggas rap and be gay”
- BROCKHAMPTON (Kevin Abstract) -**

JUNKY

Diferente de muitos artistas inseridos no género de hip-hop, BROCKHAMPTON não se envergonha de abordar temas muito complexos e intimistas.

Quando, em 2012, pouco após o lançamento de channel ORANGE, Frank Ocean revelou a sua orientação sexual, toda a indústria ficou chocada. Parecendo que não, muito mudou em poucos anos, e onde atualmente é perfeitamente normal e inquestionável termos artistas de R&B e hip-hop homossexuais/bissexuais/assexuais (nem importa a orientação sexual, é uma não-questão), em 2012

fez letras gordas em tudo que eram publicações musicais. Existia um enorme apreço pelo álbum de Frank Ocean, e esta sua revelação foi um momento que mudou a indústria para melhor.

Não é por acaso que trago Frank Ocean para este texto. Kevin Abstract, homossexual, imensas vezes refere Odd Future como a sua maior inspiração. O coletivo de Tyler, the Creator, Earl Sweatshirt, Frank Ocean e tantos outros foi o que, nas palavras do próprio Kevin, “o fez sobreviver” durante a sua adolescência.

Onde Odd Future se assumia como coletivo de hip-hop, BROOKHAMPTON define-se como boyband. E não é típico de uma boyband escrever canções sobre homossexualidade, violência de ruas, depressão, famílias tóxicas e contemplações religiosas e espirituais.

Em JUNKY, Kevin Abstract abertamente fala sobre a sua homossexualidade, os conflitos internos e sociais resultantes da sua orientação sexual e da rejeição da sua mãe que depressa se esvanece face ao sucesso artístico do filho. Na SWEET, Joba ironiza a pressão que sente em ter de seguir o caminho padronizado da escola, boas notas e emprego estável, porque, caso contrário, caso decida inventar e prosseguir outros sonhos, poderá acabar a viver na rua. Merlyn acha-se o caos especial de Deus na

NO HALO, considerando, precisamente, que não merecer ter um halo que o proteja de quaisquer malícias na sua vida. Kevin Abstract também achava que o mundo seria, agora, um lugar melhor, porque o seu presidente era afro-americano (TEAM). A dualidade mental surge em Dom na BLEACH, ao questionar-se se faz erros ou faz mudanças, se é uma influência negativa ou positiva, ou se apenas se pode ser uma força neste mundo se, internamente, cultivarmos uma força única e pessoal.

Estes assuntos não são típicos de qualquer grupo, quanto mais de uma boyband. E tão depressa se gabam de se sentirem como Barack Obama quando pegam no microfone (STAR) ou de assinarem um acordo discográfico no valor de 15 milhões de dólares (BOY BYE), como partilham o seu arrependimento em verem amigos a partir demasiado cedo (DEARLY DEPARTED) ou reconhecem que a vida é um prato servido frio, com muitas nostalgias e muitos demónios que não podem ser afogados (WEIGHT).

Espelham os demónios e contradições de uma geração que se sente mais livre do que nunca para se expressar, mas cada vez sai mais tarde da casa dos seus pais. Uma geração em que a ansiedade perdura mais do que a fome, em que a abundância de oportunidades nada significa face à indefinição

da nossa personalidade. São a voz de uma geração que se multiplica em instabilidades irrigórias, dias e noites sem caminho claro à frente, euforias que nada nos acrescentam exceto mais caos e pontos de interrogação.

Mas BROCKHAMPTON também espelha o melhor estado que podemos viver se acreditarmos na força da colaboração e da arte. Parêntesis que apenas carecem de paleta.

“BEST BOY BAND SINCE ONE DIRECTION”

- BROCKHAMPTON (Kevin Abstract) – BOOGIE

Em letras maiúsculas, sempre para causar sensação e saturação, a sequência de faixas na trilogia SATURATION não vem por acaso. Deixo esta pequena curiosidade para o leitor que ainda não tenha reparado, para que se perceba o alcance deste plano de saturação de 2017:

SATURATION I tem 17 canções, todas escritas com 4 letras, exceto a última, WASTE, onde Bearface brilha e deixa o terreno plantado para a sequela.

SATURATION II tem 16 canções, todas escritas com 5 letras, exceto a última, SUMMER, uma canção perfeita e que aquece o coração até Dezembro chegar.

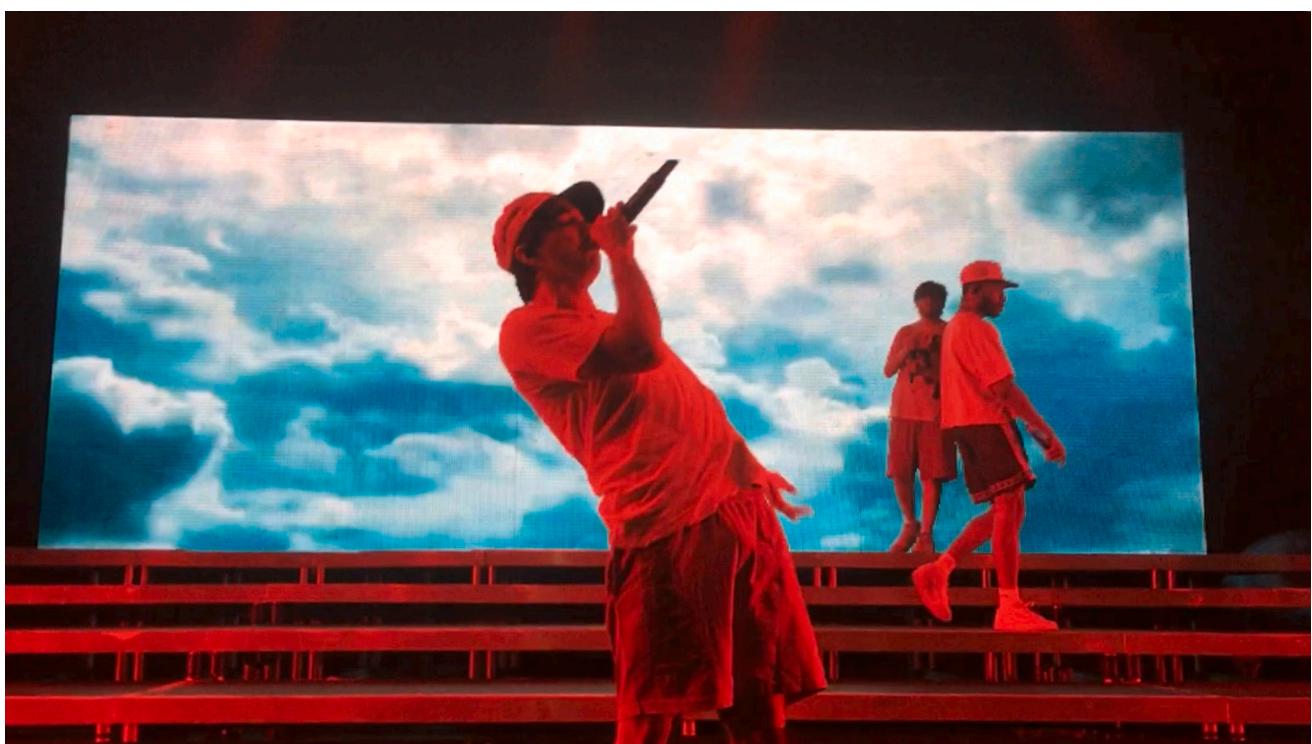
SATURATION III tem 15 canções, todas escritas

com 6 letras, exceto a última, TEAM, uma canção de duas partes, na primeira onde BROCKHAMPTON vira uma banda ligeira de shoegaze e na segunda que magicamente se liga com a primeira canção do primeiro álbum da trilogia.

Os últimos segundos da TEAM, última canção do último álbum, são os primeiros segundos da HEAT, primeira canção do primeiro álbum. Tudo foi planeado.

Tudo foi planeado e embrenhado no caos dos processos de gravação. No documentário lançado sobre a trilogia SATURATION, realizado pelo próprio Kevin Abstract, o grupo ainda editava e masterizava canções de um álbum horas antes do mesmo ser lançado para as plataformas de streaming. Era uma exaustão eufórica, era a concretização de um sonho, espelhada na fanbase incrível (alguns dirão fanática, como é típico de qualquer boyband, apenas mais memética), na quantidade de streams das músicas e views dos videoclips, bem como no sucesso comercial. Enquanto o SATURATION I nem apareceu nas charts de nenhum país, o SATURATION III (apenas seis meses após) já ascendia os lugares, refletindo o sucesso incrível que o grupo atingiu em pouco tempo.

Nada seria possível sem o poder global e instantâneo da Internet; sem um Anthony Fantano a



Sumol Summer Fest, 6 de julho de 2019

Carolina, 20 anos, tirou o curso de Ourivesaria na Escola Artística António Arroio e atualmente está a licenciar-se em Design.

vestir a sua camisa amarela de flanela nos seus vídeos de análise dos álbuns, que indicava que estávamos perante um álbum que ele achara incrível; sem a estética caoticamente minimalista dos videoclips que veiculavam veementemente as mensagens das músicas e de que BROCKHAMPTON estava aqui para ficar; sem o contributo importante de cada membro, desde as participações caricatas de Roberto (o webdesigner do grupo) no início de cada vídeo até às performances estilosas em palco, onde apareciam completamente pintados em tinta azul ou vestidos com roupa de prisão.

Tudo era meticulosamente planeado, com a ajuda do designer criativo HK e, sobretudo, pelo facto do grupo estar coletivamente na mesma página, independentemente do sucesso e dos vícios que pudessem aparecer. Todos os membros estariam unidos, a viver o mesmo sonho, sem nada que o pudesse meter em risco.

Nada? Pausa.

“And maybe it means nothing but I have to say I think about you often

And if you want no part with me I’ll walk away, I know that I have wronged you”

- BROCKHAMPTON (Joba) - TONYA

Tal como todos temos parêntesis vazios, repletos de indefinição e nebulosidade acerca do nosso

caminho, também temos parêntesis saturados, repletos de caos e abundância de tudo o que pode ser demasiado e nocivo.

Ameer Vann é a cara que figura nas três capas de álbuns da trilogia SATURATION. Conhecendo Kevin desde a juventude, existia uma confiança inegável. Onde Joba era a figura mais insana e caótica, Merlyn a figura mais infantil e caricaturável, Kevin a figura mais líder e melódica, Bearface a figura mais angelical e etérea, Dom a figura mais intelectual e analista e Matt a figura mais espirituosa e lasciva, Ameer era considerado, com alguma unanimidade, a figura mais prolífica e carismática do grupo. De longe, o membro com letras mais conscientes social e politicamente, com uma voz agressiva e um flow sempre típico, era a voz que prendia mais de todas. E era uma das vozes originais, que acompanhou e nunca desistiu da ascensão de BROCKHAMPTON até ao sucesso que conheceram.

Após o sucesso estrondoso da trilogia, BROCKHAMPTON haviam anunciado mais um álbum, chamado Team Effort, isto em finais de 2017. Março de 2018 anunciam que este projeto foi adiado, mas outro está a ser construído, chamado Puppy. Na semana seguinte, o grupo dá o próximo passo de gigante e assina um contrato monstruoso com a gravadora RCA, da Sony, onde

é conferido liberdade criativa total no valor de 15 milhões de dólares. Imensas celebridades, como Pharrell Williams ou Jaden Smith, oferecem o seu apoio inegável ao grupo. BROCKHAMPTON era imparável.

Mas o parêntesis saturou. A 12 de Maio de 2018, saem alegações de uma ex-namorada de Ameer Vann, a acusá-lo de abuso emocional e psicológico, de imensas manipulações mentais e toxicidades na relação.

Durante esse fim-de-semana, outra mulher com quem Ameer se envolveu acusa-o do mesmo, bem como acusações de sexo com uma menor. No clima feminista atual, na onda do movimento MeToo, acusações destas depressa pegaram fogo. Tal como a instantaneidade da Internet catapultou BROCKHAMPTON para o estrelato, a instantaneidade da Internet catapultou estas acusações para letras gordas de várias publicações de música.

Enquanto o grupo se manteve no silêncio, Ameer Vann depressa reagiu na sua conta de Twitter, admitindo imensas coisas que tinha feito, os abusos de que sabia que era culpado e era um demónio interno que tinha de ser exorcizado. Embora recusando a acusação de sexo com uma menor, Ameer reconheceu o que tinha feito.

Eu não vou julgar Ameer. Até hoje, não se sabem as consequências legais destas acusações. Não se sabe se foram anuladas ou se ainda prossegue a acusação. O impacto no grupo é que é o mais importante. Foi um momento de enorme fratura, numa altura de imparável ascensão. Foi uma pedra solta na calçada que o grupo dispensava ter. Imaginem viver os melhores meses das vossas vidas, com 15 pessoas incríveis e unidas numa mesma missão, e uma delas, subitamente, revelar-se um cancro, uma pedra solta, uma energia de desunião que ameaça rasgar a arte que até então todos tinham construído.

A 27 de Maio, o grupo anuncia que Ameer deixa de fazer parte do coletivo. BROCKHAMPTON pedia imensas desculpas ao público, subtilmente acusando Ameer de não lhes contar toda a verdade desde início. Porque as acusações de abuso não eram tudo. Não eram.

A 20 de Junho, BROCKHAMPTON estreia uma nova canção, TONYA, a fazer parte do próximo álbum, em televisão nacional, no programa do Jimmy Fallon, e é a primeira performance sem Ameer no alinhamento. Bearface reconhece hoje que este momento foi essencial para a união do grupo. Aqueles cinco minutos em directo na televisão nacional foram essenciais. Isto só revela a fragilidade em que todos ficaram.

Esta fragilidade foi reconhecida no álbum IRIDESCENCE, lançado a 21 de Setembro. De longe, o álbum mais caótico, abrasivo, agressivo e inusitado de toda a carreira do grupo. Este álbum veio provar o sucesso comercial de BROCKHAMPTON, figurando no pódio de imensas listas de vendas um pouco por todo o mundo. Esta sonoridade e todo o liricismo de dúvidas, raiva, dualidades e interrogações refletia o momento fraturante que o grupo vivia na altura. Produziram o álbum em 10 dias nos míticos Abbey Road Studios, em Londres, utilizando equipamento que os próprios Beatles haviam utilizado décadas antes, numa espécie de passagem histórica de testemunho entre boybands. Durante o Verão haviam lançado três singles, 1999 Wildfire, 1998 Truman e 1997 Diana, mas o que resultou em IRIDESCENCE foi algo totalmente diferente.

Veio uma tour pelo mundo todo, a primeira tour de BROCKHAMPTON sem Ameer. Kevin Abstract lançou o seu próximo álbum a solo, Arizona Baby. O sucesso comercial e a base de fãs continuaram a aumentar. A passagem por Portugal, no palco do Sumol Summer Fest, a 6 de Julho de 2019, foi mítica, e um completo atestado ao estrelato do grupo, mais que merecida.

O parêntesis estava, finalmente, recuperado da

sua saturação.

“More like God’s special mess, never had no halo”

- BROCKHAMPTON (Merlyn) – NO HALO

Não contei tudo da situação Ameer. Porque chegamos a Agosto de 2019, chegamos a GINGER. O meu álbum favorito de BROCKHAMPTON, que merece todo um texto só seu, um dia tê-lo-á. Após semanas de amostras, teasers, singles e vídeos, a 23 de Agosto sai GINGER, o quinto álbum de estúdio do coletivo. De longe o álbum mais meticulosamente desenhado, a representar a (re)união do grupo no mesmo trilho, na mesma missão. GINGER lida com temas de fé, esperança, lutas internas, superações internas, memórias, parêntesis vazios e cheios das nossas existências. E lida com o caso Ameer, no momento mais libertador e catártico que alguma vez ouvi em qualquer música.

Nafaixa DEARLYDEPARTED, Dom McLennon, o intelectual, o novo mestre das palavras e rimas, o rapper intrínseco em análises mentais e sociais, fala sobre um certo episódio. Um episódio que Dom já havia falado num tweet, entretanto apagado, após Ameer ter saído do grupo. Dom e Ameer eram amigos desde 2013, tendo participado em projetos a solo dos dois. Eram bons amigos, eram irmãos, eram

vivências conjuntos, durante tempos de tempestade e sucesso. Não obstante todo este tempo vivido, Dom não perdoou o que Ameer lhe fez. Antes de todo o sucesso de BROCKHAMPTON, quando o grupo ainda se reunia graças à publicação do Kevin no fórum de fãs do Kanye e Dom teve de viajar de Connecticut para Texas, um dos amigos de Dom foi roubado na sua própria casa. Não se sabe o que foi roubado, não se sabe o estado clínico em que o amigo de Dom ficou. Durante anos, também não se soube quem tinha feito aquilo. Apenas criminosos, apenas pessoas más. Apenas pessoas com demónios internos por exorcizar. (Ameer.)

Apenas se soube que foi ele após ele ter sido expulso do grupo e ter confessado. No tweet eliminado, Dom sente-se traído, acusa Ameer de apenas ter confessado o que fez após ter saído do grupo por outras coisas de que era acusado, e rejeita esconder a verdade apenas graças aos anos bons que viveram juntos. Na mesma canção, complexa, multifacetada, complicada como a própria vida, Kevin Abstract, Joba e Matt lidam com perdas, com arrependimentos, com memórias das passagens das pessoas pela nossa vida, pelos nossos parêntesis.

Toda esta canção, toda esta catarse, no verso mais agressivo e libertador que já ouvi nalguma canção de hip-hop de sempre, tornou-se possível porque a

força faz a arte. Com o sucesso enorme do grupo, deixaram de se reunir a toda a hora na mesma casa em Los Angeles. Dom refere que começou mais a trabalhar na vida dele. Kevin namora e frequentemente gaba-se do seu namorado nas redes sociais. Matt tem um novo corte de cabelo e a fangirl em mim adora o corte de cabelo. Joba parece a Eleven de Stranger Things e o Merlyn continua a ser o fantástico Merlyn.

Tudo isto foi possível devido ao que o grupo desenvolveu chamado de Friday Therapy, onde, todas as sextas-feiras, que possível, o grupo reúne-se, todos os 14 membros, sentam-se numa mesa em círculo, e discutem o que fizeram essa semana, sem filtros, sem censura, simplesmente falam. HK, o designer, refere um aspeto curioso destas sessões: frequentemente ele pensa que ele é o único a viver as suas coisas, mas depressa se apercebe que todos também as vivem, e um raro momento de conexão advém dessa partilha.

O grupo mantém-se unido, o álbum é o mais coeso de todos, e BROCKHAMPTON continua a ser a melhor boyband desde (...)

Preencham vocês o parêntesis. O meu já não está vazio.

“And if you’re hurting, love yourself with my heart”

- BROCKHAMPTON (Bearface) – VICTOR ROBERTS

Caro leitor, cara leitora, e tudo o resto que não se identifique, todo este texto é uma história de superação. Todos temos os nossos Ameers, os nossos sonhos e as nossas inseguranças. Todos temos a melodia que nos acompanha e não sabemos para onde é que nos vai guiar. Todos temos parêntesis vazios e saturados, indefinições e abundâncias, pedras soltas em calçadas que não sabemos se caminhamos ou rastejamos.

Mas todos superamos, porque da colaboração vem a arte, porque de capicuas se faz a vida, porque de abraços saem catarses da alma, e, se magoados estivermos, se ninguém nos ouvir, se ninguém acreditar na nossa história, amem-se com os infinitos corações que tenham dentro de vocês.

Tomei BROCKHAMPTON por garantido. Nunca façam isso a ninguém. Nunca façam isso a vocês mesmos.

Agarrem as oportunidades e continuem a sonhar. 2 de julho de 2019

C73